

Armas na cidade

PAISAGEM URBANA DA VIOLÊNCIA ARMADA

A violência armada urbana nos força a repensar nossa geografia mental do Estado, sociedade e governo – incluindo os fatores que levam a esta violência e à proliferação e mau uso das armas pequenas e leves. As edições anteriores do *Small Arms Survey* tiveram seu foco voltado para o papel da armas nos conflitos e nos crimes, bem como seu impacto no desenvolvimento e na atividade humanitária. O tema deste capítulo – As armas na cidade – se concentra nas características específicas da violência armada urbana e da insegurança, introduzindo novas evidências vindas de diversos centros urbanos na América Latina e Caribe, América do Norte, Europa, África e sul e oeste da Ásia.

A maior parte da população mundial vive hoje nas cidades. Mais de um bilhão desses habitantes urbanos moram em favelas e guetos. O crescimento populacional tende a se concentrar nas áreas urbanas: o ritmo e a escala de urbanização serão especialmente dramáticos na África, na América Latina e no sul e oeste da Ásia. Conseqüentemente, as cidades estão se tornando rapidamente o ponto focal de políticas de prevenção e programas de redução da violência. O *Small Arms Survey* está se unindo e fazendo coro com governos e agências internacionais – como o *Habitat* da ONU e o Banco Inter-Americano de Desenvolvimento – ao analisar a violência urbana e propor formas de fazer das cidades um local mais seguro.

O fato de a violência ser surpreendentemente heterogênea e influenciada por múltiplos riscos apenas complica as tentativas de transformar compromissos em ações que previnam e reduzam a violência urbana. Não existe uma ligação causal simples nem obrigatória entre a urbanização e a violência armada. Dependendo de onde e quando ocorre, a violência urbana é moldada por fatores de risco, como o comércio de drogas, a disponibilidade de armas de fogo e a dinâmica de organizações sociais informais tais como as gangues e as milícias. A violência urbana é também altamente segmentada e concentrada geograficamente.

O capítulo traz as seguintes descobertas:

- a urbanização descontrolada e em larga escala parece estar associada ao aumento dos índices de violência armada;
- a rápida urbanização está geralmente acompanhada da redução nos níveis de segurança pública, apresentando complexos desafios às áreas de segurança e justiça;
- no Hemisfério Sul, a natureza da violência urbana é geralmente tanto política quanto criminal, sendo a criminalidade socialmente e geograficamente estruturada e organizada;
- a segurança real e a percebida formatam as respostas individuais e coletivas para a violência armada o que, com frequência, envolve estratégias para conter a violência ou exportá-la para a periferia urbana;
- intervenções municipais para reduzir ou prevenir a violência armada podem ser coercitivas, orientadas pela legislação ou voluntárias, e programas eficazes freqüentemente combinam as três abordagens;
- Qualquer estimativa ou construção de políticas direcionadas à violência armada urbana devem vir emolduradas por evidências a por uma compreensão multidisciplinar do fenômeno.

Tabela 5.1 Índices de homicídios por população nas cidades dos EUA, 1985-2004 (por 100 mil habitantes)

População da cidade	Taxa média em 20 anos	Baixa	Alta
Superior a um milhão	19.04	8.24	27.82
500,000-999,999	13.86	1.74	55.18
250,000-499,999	11.31	1.09	53.87
100,000-249,999	7.21	0.31	60.22
Média geral	7.57	5.50	9.80

O capítulo explora as variações urbano-rurais e as respostas locais para a violência armada. Novas informações sobre a distribuição espacial e temporal da violência armada estão ilustradas por dados comparativos dos Estados Unidos, Canadá e Brasil. Nos Estados Unidos, por exemplo, a média de homicídios é mais alta nas grandes cidades do que nas pequenas, mas alcança o pico nas cidades médias.

O capítulo considera, então, o aparecimento de novas formas de “ordem urbana”, incluindo formas periurbanas, semi-urbanas e intra-cidade de habitação. Avalia como a transformação da paisagem urbana é guiada pelas reações individuais e coletivas à insegurança percebida (experimentada subjetivamente) e a insegurança real (observada empiricamente). Em algumas cidades, a violência foi contida ou exportada para favelas nas zonas de periferia caracterizadas pela pobreza, falta de infraestrutura e serviços e, muitas vezes, pela crescente insegurança. A resposta das classes média e alta tem sido construir muros para se proteger, levando ao aparecimento de condomínios fechados. O resultado é a fragmentação do espaço público, uma quebra da coesão social através da geração de novas formas de segregação espacial e discriminação social e, potencialmente, mais violência.

O capítulo revê o estado de conhecimento sobre violência armada, revelando as tendências regionais e municipais e os padrões criminais e políticos da violência armada. Pesquisas realizadas pelo Escritório das Nações Unidas contra Drogas e Crime (UNODC) avalia as tendências de posse de armas entre algumas cidades africanas; pesquisas em domicílio exploram a distribuição da violência armada em Porto Príncipe, no Haiti; e o fenômeno dos condomínios fechados em resposta à “violência da urbanização” é analisado. Da América Latina ao sudeste da Ásia, o capítulo descobre que a violência armada está intimamente ligada à dinâmica estrutural da urbanização, bem como ao conflito de interesses – e a demonstrações de poder assimétricas entre – dos grupos sociais. A violência armada é tanto resultado quanto catalisador das transformações na governança urbana e na organização espacial.

De maneira crucial, o capítulo adota uma abordagem em três vertentes para a compreensão, prevenção e redução da violência armada urbana. Intervenções efetivas no nível municipal devem considerar as diferentes dimensões da geografia urbana, a importância da violência real e a percebida, e o papel do isolamento, da contenção e da exportação para a redução da violência. O capítulo introduz a tipologia para entender intervenções locais desenhadas para reduzir a violência armada e controlar as armas pequenas, destacando pontos essenciais para se repensar as melhorias na segurança humana e pública (veja figura 5.5). As intervenções podem ser coercitivas, orientadas pela lei ou voluntárias. As atividades com maior índice de sucesso parecem ser planejadas e executadas sobre evidências confiáveis e uma seqüência cuidadosa das três abordagens. ■

Figura 5.5 **Tipologia conceitual de estratégias para o controle municipal de armas**

